

## RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES DO SEMINÁRIO OUSIA DE ESTUDOS CLÁSSICOS:

### A POÉTICA DE ARISTÓTELES

#### 1. Carlos de Almeida Lemos – OUSIA/UF RJ

##### O CONCEITO DE MIMESE ALÉM DA POÉTICA

Enfocamos o conceito de mimese além da Poética. Buscamos ver como Aristóteles o trata em diversos outros livros: na Física, onde relaciona, através da mimese, arte e natureza, o que não é apenas um confronto entre objeto natural e objeto por imitação, mas um processo com uma finalidade; nos Meteorológicos, onde opõe natureza ao acaso; no Sobre o Mundo, onde vê a arte como organização de opostos; no Protrépico, onde a imitação é vista como o processo que leva o homem além de sua natureza.

Mimese, imitação, arte, natureza, finalidade

#### 2. Luiz Otavio De Figueiredo Mantovaneli – OUSIA/UF RJ

##### A POÉTICA DAS LEIS

Acolhendo o convite que Aristóteles nos faz na abertura da Poética, falaremos de poesia, mas não da tragédia. Provocados pela aparente ironia de listar o diálogo socrático como uma espécie do gênero “poesia”, decidimos investigar essa possibilidade. É pouco provável que Aristóteles só tenha feito essa alusão ao diálogo socrático ao longo do tratado que estamos celebrando neste evento, mas não queremos, aqui, tentar uma reconstrução de um possível livro da Poética dedicado ao tema. Queremos tão somente lançar sobre o diálogo socrático um olhar que o considere sob a perspectiva da poesia.

Esse olhar nos encaminha para As Leis, onde Platão se faz assumidamente poeta, fazendo o ateniense declarar que a estrutura do diálogo mais se assemelhava a um poema e chegando, na mimesis do diálogo, a sugerir que deveria ser transposto para a escrita o que já era realmente escrito.

Por outro lado, o diálogo As Leis é uma excelente oportunidade para nos aprofundarmos numa questão que nos tem incomodado, ou seja, a função educadora da poesia.

Poesia, Dialogo Socrático, Educação

#### 3. Marcos Sinésio Pereira Fernandes – OUSIA/UF RJ .

##### CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO DE SIGNIFICADO DA CATARSE NA POÉTICA DE ARISTÓTELES.

Em nossa preleção procuraremos destacar alguns tópicos da cultura grega e articulá-los com tópicos de outras culturas na Antigüidade, com o intuito de lançar luz sobre o sentido da catarse aludido por Aristóteles, no capítulo 6 da Poética, como sendo o sentido humano da obra de arte trágica.

#### 4. Maria Helena Elias Ribeiro – OUSIA/UF RJ

##### O PARRICÍDIO ARISTOTÉLICO E O ENGANO COMO ALTERIDADE

A poesia apresenta-se pela primeira vez como problema filosófico com Platão em sua A República, na qual é acusada de ser enganadora e desta forma produzir uma educação inadequada para a pólis. Por este motivo a poesia sofre um interdito na filosofia. Pois bem, é nesta circunstância que Aristóteles a encontra e é

desta condição que ele a redime, pois após uma investigação profunda do problema a partir da teoria platônica, ele anuncia em suas obras Política e Poética que uma boa poesia é, por excelência, fonte educadora do pensamento ético.

Desta forma, surgem algumas questões a serem pensadas: O que é o fenômeno do engano para que Platão e Aristóteles tenham posições diametralmente opostas e filosoficamente procedentes sobre ele? Como Aristóteles analisa a relação entre engano e verdade na poesia? Sob quais aspectos o engano poético pode educar os cidadãos?

Poesia – Engano – Verdade – Alteridade – Educação

## **5. Marina Leonhardt Palmieri – Letras/UFMG**

### MIMESE E COGNIÇÃO EM ARISTÓTELES

O emprego dos vocábulos pertencentes à família de miméomai, desde o século V a.C., aparece constantemente relacionado ao âmbito do conhecimento, como no fragmento DK 154 B de Demócrito de Abdera - onde ocorre o que é tido como o mais antigo registro do termo mímesis – no qual a noção de mimese já se encontra vinculada à aprendizagem. O estagirita emprega esses vocábulos não diferentemente, mas, com efeito, ele expande a gama de âmbitos possíveis para os mesmos. Na Poética 1447a 13-28 e na Retórica 1371b 4-10 Aristóteles associa a mimese aos elementos os quais são frutos tanto das técnicas poético-performáticas (a epopéia, a tragédia, a comédia, a poesia ditirâmbica e a dança), como das musicais (a maior parte da aulética e da citarística, a siríngica e outras afins) e das plásticas (as quais retratam com cores e figuras: a pintura e a escultura). Não há indícios de que o traço mimético seja exclusivamente próprio dos supracitados elementos, pelo contrário, encontramos nessas obras outros aspectos da noção de mímesis (Poet. 1448b 4-24 e Ret. 1371a 31-1371b 17) tal como o cognitivo, o qual não se encontra dissociado do aspecto natural, do estético e do ético.

Mimese, percepção, inteligência, Poética e Retórica.

## **6. Rafael Mello Barbosa – Depto de Letras Clássicas e Vernáculas / UFF**

### QUANDO O IRREAL É MAIS “VERDADEIRO” QUE OS FATOS

No nono livro da Poética, Aristóteles estabelece uma distinção que aos nossos olhos parece completamente descabida. Ele afirma que a poesia é mais séria e filosófica que a história; isto depois de afirmar que “a obra do poeta não é narrar o que aconteceu” e sim a do historiador. Mas isto tudo não seria completamente descabido? Afirmar o irreal como mais real não é ferir o princípio de não contradição? Como afirmar a poesia como mais filosófica que a história se ela não diz coisas reais? A filosofia trataria das coisas irreais mais que as reais? Nesta comunicação procuraremos esclarecer como tal distinção entre poesia e história não gera um absurdo, nem entra em conflito com a metafísica aristotélica.

## **7. Daniele Nunes Caetano de Sá – Arquitetura e Urbanismo / PUC Minas**

### MÍMESIS E PERCEPÇÃO ESTÉTICA EM ARISTÓTELES.

Interpretação da Poética aristotélica como doutrina que orienta cognitivamente a produção artística a partir da validação da tékhne e condiciona a relação entre mímesis, percepção e juízo estético. Interface entre Poética e Retórica a partir da análise dos objetos da percepção e da produção dos inteligíveis e suas vinculações com o conceito de dóxa e de estranhamento ou licença poética que orientam a produção do mímema e o horizonte da experiência estética.

Mímesis - Percepção estética - Juízo estético / material: Datashow

## **8. Carla Cristina Perozzo – OUSIA/UFRJ**

### O PRAZER DA CATARSE É O PRAZER DA TRAGÉDIA?

Partindo da premissa de que a catarse é sempre acompanhada de prazer (Política, 1342 a 14), temos por objetivo em nossa comunicação investigar a manifestação desse prazer na tragédia. Qual a sua relação com a função terapêutica – assumida desde já – da catarse? O prazer da catarse pode ser entendido como o prazer próprio ou característico da tragédia?

Prazer, catarse, tragédia

## 9. Terezinha da Cunha Vargas – PPGLM/UFRJ

### MNEMOSYNE – DA POESIA À FILOSOFIA

Poesia, filosofia, memória, esquecimento, morte, imortalidade, meléte, paidéia, ser, verdade

Mnemosýne, a Memória, mãe das musas, está tradicionalmente vinculada à poesia. Seu papel era ser a inspiradora dos poetas, dos “aedos”, que se voltavam para o passado em busca dos tempos primordiais: a idade heróica, as teogonias, a gênese do cosmos. Esse tempo não era, porém, revivido, ou seja, não era um retorno cronológico ao passado; considerado como parte do cosmos, esse tempo originário era tido como um de seus níveis, uma dimensão invisível da existência. Explorá-lo consistia em desvendar o que se mostrava dissimulado na intimidade do ser. A história que a deusa Mnemosýne mostrava aos olhos de seus eleitos para ser cantada exigia uma evasão do visível. Paralelamente, havia uma outra faceta da memória: a escatológica. Ela se confundia com a atmosfera do Hades, onde mantinha uma fonte, à direita, contraponto de outra, à esquerda, “léthe”, a do esquecimento. Com os pitagóricos, porém, reencarnacionistas que eram, a vida passa a se desdobrar em outras tantas vidas, pretéritas e quiçá futuras, e a anámnese da história individual das vidas de cada alma, ou seja, a rememoração de todas as encarnações terrenas e dos intervalos entre elas passa a ser essencial para a conquista da imortalidade, que transformaria o homem em deus e acabaria com os ciclos reencarnatórios, pela união do fim ao princípio. Essa união se daria, pois, pela mediação dessa deusa. A “anámnese” se tornava, assim, conquista de salvação, libertando do devir e da morte, transcendendo o tempo na direção do ser e da verdade. Mnemosyne, desse modo, adquiria uma outra dimensão.

Na filosofia de Platão vai estar bem evidenciada a importância dessa nova visão da memória, através da valorização das reminiscências. Percebemos que no “Fédon”, a filosofia é descrita como uma tradição muito antiga, uma “melete thanatou”, que poderia ser traduzida como “exercício de morte”, e que consistiria em purificar a alma, recolhendo-a em si mesma, propiciando a evasão do corpo, permitindo à alma contemplar o mundo das idéias. Considerando que esses termos – purificação, recolhimento, e evasão – são também aplicados à “anámnese” platônica, teríamos aí um ponto em comum entre a Memória e a filosofia. Isso é confirmado pela condenação que Platão faz no “Fedro” da “ameletesia mnemes”, a introdução do esquecimento na alma pela falta de exercícios de memória. Assim, “melete thanatou” equivaleria a uma forma de “melete mnemes”.

Procurando centrar na figura de Mnemosýne, o que faço é, a partir dela, buscar investigar nesse estudo como a transformação da deusa, que muda sem, no entanto, perder seu caráter de celeiro de sabedoria da Paidéia, na expressão de Plutarco, pode estar na base da mudança da forma de se encarar a poesia, ela também um gênero de “melete mnemes”, após o advento da filosofia.

## 10. Fernando Maciel Gazoni – Filosofia/USP (16/10)

### CERTAS CARACTERÍSTICAS DA ARGUMENTAÇÃO DA POÉTICA DE ARISTÓTELES

Alguns pontos da Poética de Aristóteles apresentam uma argumentação bastante consistente. Tal é o caso da seqüência dos capítulos iniciais, notadamente os capítulos 1, 2 e 3, onde são analisados os termos por meio dos quais se diferenciam as diversas artes miméticas e que serão retomados um a um na célebre definição de tragédia, no início do capítulo 6. Esse também é o caso quando se trata, no capítulo 7, de determinar qual seria a extensão apropriada para a tragédia: enuncia-se um princípio geral (o belo reside no tamanho – mégethos – e na ordem – táxis) para inferir daí certas características do bom enredo. Essas duas seqüências argumentativas, não obstante seu caráter cerrado, parecem não ser suficientes para dar conta, no primeiro caso, da aparição abrupta, na definição da tragédia, da katharsis do medo e da piedade. No capítulo 7, por sua

vez, não deriva do princípio geral apresentado a exigência de que a tragédia tenha uma extensão suficiente para a mudança da fortuna para o infortúnio ou vice-versa (1451 a 11-15). A comunicação que ora se apresenta pretende colocar em relevo esses pontos e relacioná-los ao que parece ser um certo déficit analítico quando se trata de abordar questões de ordem ética na Poética.

Poética – argumentação – ética

### **11. Felipe Gonçalves Pinto – OUSIA/UFRJ**

#### DAS DIMENSÕES TEMPORAIS DA TRAGÉDIA NA POÉTICA DE ARISTÓTELES

Nossa trabalho toma como proposta a aproximação à delimitação do tempo na tragédia segundo a Poética de Aristóteles.

Numa leitura prévia da obra, percebemos que há mais de uma dimensão temporal em jogo na consideração aristotélica da poesia trágica. Atentamos também ao fato de que os caracteres temporais trágicos acompanham as partes da tragédia e da definição que lhe doa Aristóteles. Portanto, nosso primeiro passo será o de investigar a relação entre as partes da tragédia e da sua definição e, a seguir, a relação entre tais partes e as distintas dimensões temporais.

No decorrer da nossa investigação, uma das partes mostrou-se proeminente para o estudo da obra trágica, a saber: o mito. Conseqüentemente, a medida temporal reivindicada pelo mito tornou-se o caminho mais apropriado para realizarmos a aproximação que, de início, propusemos.

Poética, Aristóteles, tempo, mito, tragédia

### **12. Mariângela Areal Guimarães – PPGF/UFRJ**

#### AS PAIXÕES SEGUNDO OS ESTÓICOS

Para o estoicismo antigo, o homem é Natureza. Segundo um dos seus princípios básicos, a Natureza dá ao homem todas as condições para que ele a siga, e segui-la consiste no grau superlativo da areté. Mas o homem fatalmente dela se afasta não sendo, conseqüentemente, virtuoso. Por que o homem não segue aquilo que ele mesmo é? Para respondermos a essa pergunta, temos que identificar o que impede o homem de seguir a Natureza. Segundo os estóicos, as paixões são as responsáveis pelas perturbações na alma que podem levá-la a julgar de modo incorreto, ao em vez de julgar em consonância com a phýsis, isto é, segundo seu próprio ser. Diante de tal interpretação, pretendemos mostrar que, contrária à posição aristotélica assumida na Poética, acerca da função catártica das paixões, os estóicos entendem que a alma, como algo perturbável, deve ser lapidada de modo a aprender a lidar com as pathémata, mantendo-se em conformidade com o reto lógos.

Paixões – Virtude – Natureza - Estóicos

### **13. Greice Ferreira Drumond – PPGLC/UFRJ**

#### A ÓPSIS NA POESIA TRÁGICA SEGUNDO A POÉTICA DE ARISTÓTELES

Verificamos que o pensamento de Aristóteles acerca da composição da poesia dramática reduz o papel da representação cênica em prol da estrutura da sucessão das ações para a recepção do mito por parte do público. Para Aristóteles, a encenação das peças é dispensável, dando maior relevo a outros elementos essenciais na construção de um drama trágico. Esta comunicação visa apontar o tratamento dado à ópsis na Poética em cotejo com a questão da performance e da recepção das composições dramáticas na Antigüidade.

Representação cênica, público, recepção, ópsis, poesia dramática.

### **14. Guilherme Celestino Souza Santos – OUSIA/UFRJ**

#### APROXIMAÇÃO ENTRE RETÓRICA E POÉTICA – A PRODUÇÃO DAS EMOÇÕES

Embora divergindo quanto a seus objetivos últimos, poética e retórica se valem de um mesmo tipo de desempenho da linguagem: ambas interpelam um interlocutor com o fim de transformar seu ânimo. Tanto o discurso retórico pela persuasão, quanto a poesia pelo efeito catártico, fazem a linguagem exercer uma função tal que um ouvinte altera sua disposição, isso só é possível não na medida em que tais discursos sejam dotados de verdade ou falsidade, mas de verossimilhança. Poeta e orador se encontram na arte de fazer crer, se realizando cada qual em seu modo de emocionar.

retórica, poética, catarse, persuasão

## **15. Wagner de Campos Sanz – Depto. Filosofia UFG**

### **KITTO ACERCA DE SÓFOCLES: UMA FORMA DE APROPRIAÇÃO DA POÉTICA?**

A Poética de Aristóteles é um documento cujo papel privilegiado na interpretação das tragédias gregas é incontestável. Todavia, distintas ênfases podem ser adotadas. Frequentemente as escolhas de ênfase determinam também o eclipse de outras passagens. Do ponto de vista filosófico e, muitas vezes, da teoria literária, a conceituação da catarse apareceu como o ponto chave na história da cultura ocidental. Aliás, é possível visualizar uma linha histórica na modernidade que vai da tentativa da explicação da natureza da catarse até a constituição de um objeto de investigação de natureza metafísica que podemos denominar de O Trágico. A nosso ver um dos principais desafios que enfrentam as abordagens relacionadas a essa ênfase está na interpretação individual de cada peça. A leitura das peças tende a ficar distorcida por um quadro conceitual metafísico estranho a ela. Nosso objetivo mais específico na comunicação será o de defender uma hipótese acerca das escolhas que H.D.F. Kitto em seu exame crítico literário de algumas das tragédias de Sófocles, em *Greek Tragedy*, teria feito com respeito a leitura e a interpretação da Poética de Aristóteles. A nosso ver essa ênfase recai sobre o conceito/tipo ideal do herói trágico dentro do enredo e a mudança de destino desse personagem. Ou seja, a conceituação da catarse passaria desse modo a ocupar lugar meramente acessório dentro da Poética.

Tragédia, Crítica Literária, Herói Trágico

## **16. Cristina de Souza Agostini – Filosofia/USP**

### **O TRÁGICO ARISTÓFANES PLATÔNICO**

A presente comunicação tem em mira levantar alguns pontos acerca do tratamento dispensado por Platão, no diálogo *Banquete*, ao personagem Aristófanes, assim como considerá-lo em meio aos outros convivas. Sabemos que Aristófanes foi um dos mais importantes comediógrafos da Antiga comédia Ática, bem como o único do qual temos peças na íntegra. Embora, Sócrates tenha sido motivo de gozação durante certo período por alguns comediógrafos, o fato é que temos disponível apenas a sátira aristofânica ao seqüito socrático e seu mestre, n'As nuvens e, em contrapartida, ele é o único comediante ao qual Platão se refere tanto na *Apologia* quanto no *Banquete*, tornando-o personagem neste último. Assim, partindo da análise da fala do personagem Aristófanes, no diálogo, e das conseqüências posteriores em relação à política, pretendo abarcar alguns aspectos da caracterização ridicularizada a qual o filósofo Sócrates é submetido pelo comediógrafo, para então, pensarmos acerca de uma possível resposta (ou não) platônica à chacota aristofânica.

comédia, Platão, Aristófanes, risível, tragédia

## **17. Christiani Margareth de Menezes e Silva**

### **SOBRE O PRAZER DA TRAGÉDIA EM ARISTÓTELES.**

A presente comunicação tem o objetivo de mostrar como a tragédia proporciona prazer. Este tipo de composição poética tem como finalidade surtir no espectador, ou no leitor, terror e piedade, emoções descritas por Aristóteles, tanto na Poética quanto na Retórica, como dores. Além de suscitar tais emoções, a tragédia provoca também prazer e este parece ligar-se à capacidade do homem para imitar, seja pela pintura e

escultura, seja através do poema trágico. O problema é entender como de emoções dolorosas se passa ao prazer, e na interpretação do tipo de prazer proporcionado pelo drama trágico.

Tragédia, prazer, mimesis, piedade, terror

## **18. Claudio de Souza Castro Filho – Prof. I.A./UERJ**

### **A RECEPÇÃO DA POÉTICA NO FAUSTO DE GOETHE**

Os escritos teóricos de Johann Wolfgang von Goethe, entre os quais se destacam as correspondências com Friedrich Schiller, deixam clara a participação do poeta alemão nas discussões acerca da Poética de Aristóteles que, percebidas desde a Renascença, tomam novo fôlego a partir do Classicismo francês (século XVII). Em meio à produção dramática do chamado Século de Ouro espanhol e às discussões filosóficas iluministas, Goethe caminha na contramão de visões conservadoras que interpretam a letra aristotélica de forma dogmática, prescritiva. Pelo contrário, o poeta incorpora em sua obra teatral, especialmente no Primeiro Fausto, noções substanciais da Poética, como a peripécia e o reconhecimento trágicos, sobretudo no que se refere à *Gretchentragödie* (Tragédia de Margarida). Por outro lado, a escrita goethiana subverte os cânones clássicos ao construir uma obra dramática episódica, mais próxima à forma épica do teatro medieval. É sobre as aproximações e diferenças entre a filosofia aristotélica e a poesia dramática goethiana que a comunicação aqui resumida pretende tratar.

Poética de Aristóteles; Herói Trágico; Fausto de Goethe; Tragicidade; Romantismo

## **19. Paulo Sérgio de Jesus Costa**

### **O CONCEITO DE “KÁTHARSIS” NA INTERPRETAÇÃO DO ROMANCE- TRAGÉDIA DE DOSTOIEVSKI**

Na discussão teórica a respeito da obra ficcional de Dostoiévski, a idéia de romance-tragédia marca uma das importantes vertentes de investigação do autor russo. O conceito de *kátharsis* (*otchishenie*) é utilizado no contexto de uma poética do romance-tragédia, assumindo novas características. Como exemplo de romance-tragédia, *Os Demônios* (*Biesi*) oferece muitas passagens onde o caráter trágico presume um tipo de *kátharsis* que, partindo do conceito aristotélico, assume nova intensidade a partir da experiência do niilismo e do mal.

Poética – Tragédia – *Kátharsis* – Romance-Tragédia

## **20. Paulo Mugayar Kühl – Inst. De Artes/Unicamp**

### **LEITURAS SETECENTISTAS DA POÉTICA: O DEBATE SOBRE ÓPERA E OS COMENTÁRIOS DE METASTASIO**

Para o mundo da música, especialmente o da ópera, a Poética de Aristóteles é um texto capital, lido seja como fundamento para a criação de um espetáculo totalmente musicado, seja como instrumento para a crítica deste tipo de espetáculo. Nos grandes debates do século XVIII a respeito da ópera, o libretista Pietro Metastasio publica, em 1783, suas traduções de trechos da Poética em seu *Extrato da Arte Poética de Aristóteles com comentários* que procuram conferir ao espetáculo operístico o mesmo status da tragédia antiga. O presente trabalho procura mostrar de que maneira Metastasio traduziu e aproveitou as passagens do texto aristotélico que tratam do uso da música na tragédia, e também outros trechos da Poética, com o intuito de demonstrar as virtudes da ópera. Nas discussões no período, que constantemente apelavam para as preceptivas retórico-poéticas, uma leitura particular da Poética de Aristóteles funcionou como fundamento teórico para um espetáculo híbrido que tantas polêmicas provocava.

## 21. Lúcia Rocha Ferreira – Depto de Filosofia da U. F. do Amazonas

### SENTIRÁ TERROR E PIEDADE AQUELE QUE OUVIR A HISTÓRIA DE ÉDIPO.

Ao definir a alma da tragédia, Aristóteles fala das ações, que compõem a trama do enredo: o mito. Nele, deve estar aquela que se configura como a causa da queda que leva o herói da felicidade à infelicidade, levando o espectador ao terror e à piedade, que são o fim da poesia trágica. Em função dos efeitos da tragédia, segundo o que pede a natureza de cada um deles, a conexão dos fatos será dada pela correspondência entre o caráter do herói e as ações do drama e, conseqüentemente, entre a ocorrência de um erro, não motivado por vileza ou maldade, nem pela vontade daquele que erra, e a reversão da fortuna.

Quase como um desdobramento do caráter do herói, que deve concordar com suas ações, de onde vêm os efeitos próprios do drama, está o não querer errar. Ou, o que será o mesmo para Aristóteles, o saber discernir o bem do mal, e desejar o bem. Acima dos comuns, desejando o bem e a vida feliz, se o herói erra, erra por ignorância, mas ignorância sobre determinadas circunstâncias da ação, não sobre o que quer.

Analisaremos, na Poética, a relação entre as paixões da alma que a tragédia deve suscitar em quem a vê, para que se cumpra a sua função catártica, e o caráter do herói que deve compor a trama do enredo. Faremos esta análise comentando, ao lado da Poética, algumas passagens do Édipo de Sófocles, aquele que Aristóteles elege como um bom exemplo de tragédia, senão o melhor. Pois, diz Aristóteles, sentirá terror e piedade aquele que ouvir a história de Édipo (Poética, 1453 b).

## 22. Juliana Santana de Almeida – Filosofia/UFOP

### ESTÉTICA, IMITAÇÃO POÉTICA E FORMAÇÃO DO CARÁTER NA POÉTICA DE ARISTÓTELES

Inicialmente buscaremos analisar a Poética como uma obra que traz em seu conteúdo uma reflexão estética. Falar da Poética como obra de reflexão estética pode parecer óbvio, uma vez que seu tema central seja a poesia. Contudo, fazemos questão de ressaltar essa leitura, pois há comentadores, que não admitem tal interpretação. Porém, somos favoráveis à existência de um sentido estético atribuído por Aristóteles à imitação poética, como demonstraremos no correr do trabalho.

A questão central neste estudo é: a poesia descrita por Aristóteles pode ser pensada no âmbito estético, ou devido ao sentido que o termo adquiriu com o passar do tempo, seria uma visão anacrônica? Existe um sentido estético imiscuído à imitação poética? Visando responder estas questões, propomos a compatibilidade do texto aristotélico com as especificidades que o termo grego *aisthesis* (sensação) adquiriu na modernidade, pois o termo abarca o sentido que propõe a relação sensível do homem com a obra de arte. Concluiremos, posicionando-nos a favor de uma visão estética da Poética, que permeia sua função pedagógica.

Paixão, tragédia, estética, medo, piedade.

## 23. José Nicolao Julião – Prof. UFRJ

### POR QUE POESIA ENCERRA MAIS FILOSOFIA E IMPORTÂNCIA QUE A HISTÓRIA? (UMA ANÁLISE DA POÉTICA, 9)

O objetivo dessa comunicação é o de analisar a passagem da Poética, 9, 1451 b 1-5, na qual o Aristóteles estabelece uma distinção entre o poeta e o historiador, dando mais valor ao primeiro que ao segundo, devido à universalidade de sua narrativa:

A distinção entre o historiador e o poeta não é porque um escreve em prosa e o outro em verso; a obra de Heródoto poderia ser em verso; não seria menos uma história com ou sem verso; a diferença consiste realmente que um narra acontecimentos que ocorreram e o outro, acontecimentos que podem ocorrer.

Por isso, a poesia encerra mais filosofia e importância que a história; aquela enuncia verdades universais; esta relata fatos particulares.

Minha intenção é de justificar essa posição do Estagirita frente à História e a poesia, tendo como base a passagem da Metafísica 982 a 22, onde se atribui à Filosofia o status de Ciência Primeira, devido ser o saber mais universal.

Poesia, História, Universal, Particular, Filosofia

## **24. Luisa Severo Buarque de Holanda – OUSIA/UFRJ**

### **POETAS, FILÓSOFOS E HOMENS SEGUNDO ARISTÓTELES.**

As célebres definições do ser humano como animal político e como animal que possui lógos, contidas na Política de Aristóteles, se entrelaçam de tal maneira que aquele que é definido apenas como o mais político dos animais acaba por ser o animal verdadeiramente político, na medida em que pensa e possui linguagem. Por conseguinte, o logos transforma a política humana em uma política de tipo especial e específico. Na Poética de Aristóteles ocorre algo semelhante em relação à definição do homem como o animal mimético, ainda que não explicitamente. Ali, o ser humano, que é apenas o mais mimético dentre os animais, se tornará o animal mais plenamente mimético, se for notado que o seu mimetismo está necessariamente ligado ao aprendizado. Por outro lado, é de se notar também que Aristóteles, na Poética, caracteriza os poetas como os mais miméticos dentre os homens, e os filósofos como os que mais se deleitam com o aprendizado, embora todos os homens experimentem alguma espécie de prazer com ele. Buscar-se-á, nesta comunicação, compreender como e por que ocorre esse evidente paralelismo. Para tanto, far-se-á um desvio pelo De Anima aristotélico ou, mais especificamente, pelas partes do tratado que investigam o funcionamento da percepção humana, relacionando-a com a percepção animal e formando uma escala simultaneamente contínua e descontínua entre áisthesis e logos.

Logos, animal político, animal mimético, filosofia, poesia, percepção, sensação, Aristóteles.

### **PAINEL (GRADUAÇÃO)**

#### **1. Caetano Ferreira Santos – Filosofia/UFMT**

##### **A ATUAÇÃO DA KÁTHARSIS NA PSYKHÉ, NA OBRA “A POÉTICA” DE ARISTÓTELES.**

Na proporção em que a arte trágica é apresentada pelo ator, a kátharsis atua na psykhé humana do próprio ator como dos que o contemplam. A kátharsis faz um equilíbrio natural entre a compreensão da realidade e os questionamentos da psykhé. Entretanto, isto leva em conta o seu interesse de compreender as coisas e como funciona, neste caso, a problemática do “kosmos”, da “phýsis” e do “ser”. Contudo, a kátharsis tranquiliza a psykhé humana destes três problemas conforme a necessidade de cada um.

Psykhé, Paixões, Sensações, Sentimento, Entendimento.